

Expresso, 18 de novembro de 2022

Henrique Monteiro



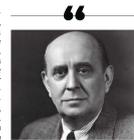
PRIMEIRO CADENHO 39



O DESESPERO DE PUTIN SERÁ O PRÍNCÍPIO DO SEU FIM?

À cerca de um ano, os fanfarrões de Moscovo avisavam que, se o exército russo quisesse invadir a Ucrânia, os soldados de Kiev despariam as armas e juntar-se-iam ao invasor. Não conhecem as relações fraternas entre os dois povos?, diziam. Era o tempo em que Putin recriava-se a Ucrânia um país inexistente, repleto de nazis. De qualquer modo, no final do dia 24 de fevereiro de 2022, perante a efetiva invasão russa, precedida de várias mentiras do governo de Moscovo a negar qualquer intenção, ninguém (ou quase ninguém) acreditava que as forças ucranianas resistiriam mais de uma semana. E, depois dos ataques russos sobre várias cidades, já se consideravam grandes fétos a Ucrânia ter resistido em Kiev e obrigado os russos a retirar da área, mas ninguém acreditava que conseguisse recaptar, tempo perdido no Sul — o máximo da glória era a resistência antes da queda, como se viu em Avdiivka. An pouco tempo, num movimento que para Putin talvez fosse impossível, as opiniões públicas do Ocidente começaram a manifestar-se. Entre um punhado de gente que queria compreender os argumentos russos, a enorme massa que o Kremlin fora das fronteiras ucranianas. Os primeiros, claro, foram aqueles a quem uma invasão de Moscovo provocava amargos recordos e os checos e os eslovacos, os húngaros, os polacos, os bálticos (Estónia, Letónia e Lituânia), Pa-

ses que, como a Roménia (embora esta de forma mais longínqua), tinham sido do Pacto de Varsóvia ou mesmo da URSS (os bálticos) e que agora são da NATO e da UE. Nos restantes grandes países da Europa, como nos EUA, a heróica soviética que Putin anda a emular não tinha sido esquecida. As populações mobilizaram-se, os governos, com maior ou menor vontade, também. Era articulado, e ainda é. Mas a ideia de liberdade prevaleceu sobre a coerência, a herencidade do povo ucraniano e a tenacidade e coragem da sua liderança, em especial de Zelenskiy, que já entrou no imaginário ocidental como uma espécie de líder guerreiro inícuo e capaz de dar a vida por nós, como acontece com o seu povo, com quem se vê o mesmo continente e os EUA e desportos os da letargia de um mundo que parecia sem problemas que resultassem para uma guerra. Fielmente, no terreno, quase tudo se passou ao contrário do previsto. Os russos recuaram por várias vezes, a pesar de massacres e crimes de guerra, não queriam a resistência e a vontade dos cidadãos de um país que nem existia e que ao primeiro avanço cairia de Kiev foi inundado e continua a ser a material de guerra fornecida de quatro ou cinco países párias, como a China, a Índia, a África do Sul e a Bielorrússia, a Síria. Países como a China, a Índia, a África do Sul e o Brasil, cujas atitudes podiam promover uma frente antiocidental, viraram-se mais para o Ocidente, como se viu na reunião do G20, a que Putin se sentiu na obriga-



Os ditadores são governantes que parecem bem até aos últimos dez minutos

Jan Masaryk (1886-1948), MNE checo do governo no exílio e do pós-guerra, que terá sido assassinado pelos comunistas, atrás por uma janela, em Praga. As suasões da ONU colocaram a Rússia isolada, apenas com o apoio de quatro ou cinco países párias, como a Coreia do Norte, a Eritreia, a Bielorrússia e a Síria. Países como a China, a Índia, a África do Sul e o Brasil, cujas atitudes podiam promover uma frente antiocidental, viraram-se mais para o Ocidente, como se viu na reunião do G20, a que Putin se sentiu na obriga-

ção de falar. Nesse encontro, onde Zelenskiy interveio, mas não Putin, os líderes da China e dos EUA, após mais de três horas de reunião, sairiam mais discordados do que chegaram. As ameaças veladas de armamento nuclear, que circularam pelo Kremlin, foram definitivamente desautorizadas. A Índia aproveita para comprar combustíveis mais barato à Rússia, mas paga em rupias; o Brasil, tendo substituído Bolsonaro por Lula, ficará mais distante de qualquer apoio à Rússia, embora nessa matéria o novo Presidente não seja, infelizmente, substancialmente diferente do anterior. Nos EUA, após umas eleições que prometam ser a glória de Trump, Biden não se se aguentou como pode dizer que venceu. Tudo o que podia correr mal a Putin correu. Nem a chuva de mísseis que na terça-feira disparou sobre a Ucrânia, em retaliação pela perda de Kherson, conseguiu disfarçar. Os destróicos que caíram na Polónia, junto à fronteira ucraniana, mostraram um Ocidente muito mais 'calmo', a saber avaliar e a não se precipitar. Os especialistas dizem que nos corredores do Kremlin já se sussurra que, assim, a Rússia não vai a lado nenhum, salvo a caminho da vergonha. Apesar de já ter terminado a mobilização geral, da qual centenas de milhares de russos figuram, homens em idade de combate continuam a esquivar-se. Putin pode estar muito mais próximo do seu fim do que se pensa.

ANTES QUE ME ESQUEÇA



LIBERTAÇÃO A liberdade é bela no preciso momento em que a conquistamos. Depois, inúmeras vezes parece tornar-se uma banalidade, algo que não precisamos de cuidar. A reconquista de Kherson, na passada sexta-feira, e as comemorações que se seguiram, com a vista de Zelenskiy à cidade, foram desses momentos belos. Putin, num referendo falsificado e não reconhecido, quis tornar a cidade território russo, como outras capitais de Oblasts ou distritos (Donetsk, Luhansk, Zaporizh). Há imagens arrepiantes, desde a senhora que desenterra da sua quintal uma bandeira da Ucrânia, ao reencontro de soldados com as suas mulheres, filhas e familiares, a alegria marcada no rosto de uma multidão numa praça. Foi assim noutros locais, com maior ou menor intensidade: foi assim em Paris, em 1946, foi assim em Lisboa, no 25 de Abril de 1974; foi assim em Berlim, na reunificação, em 1989. A liberdade é bela, sublime, mas precisa de quem a defende e de quem a salva defendendo a cada momento. Curiosamente, como escreveu Pacheco Pereira, a geração "mas bem preparada de sempre" nem sempre (ou talvez nem sempre) se tem bem preparada para defender a liberdade e a democracia. Por vezes, bem pelo contrário,



BIDEN E XI Não terá sido uma conspiração contra Putin, mas se Putin quiser saber bem os acontecimentos (como se diz popularmente) "põe-se a par". Obviamente, a China é o principal adversário dos EUA, mas não é o troubledmaker do mundo. Mais o regime chinês, apesar da sua desumanidade, da sua ditadura ferrea, sabe fazer compromissos e dá mais valor ao comércio e às trocas do que às guerras. Cada vez mais, apesar das palavras ambíguas para Putin, os atos vão tornando-se mais hostis. Talvez a China, tal como Putin e o Ocidente, também se tenha equivocado acerca do poderio militar do Kremlin: talvez todos tenham subestimado a corrupção e o sítio demais para a que diziam os relatórios e de menos para a correspondência entre estes e a realidade.

OS DIAS QUE ME OCORREM

COP COLADOS Da camera do cinema, no Egito, que hoje termina, pouco sai de concreto. Em contrapartida, em Portugal e por toda a Europa, a cola (mesmo que produzida, com produtos fósseis) deve ter tido um pico de vendas, a avaliar pelos avisos que se colam a si mesmos a paredes e colunas, em protesto "contra as alterações climáticas". Alguns aproveitam para vandalizar obras de arte. Tudo isto deve fazer imenso sentido...

8.000.000.000 Não se se faltam zeros, mas anunciou o nascimento do bebé oito mil milhões. Dominican Republica Dominicana. Assim, apesar de todos

os problemas, sobretudo alimentares e climáticos, vamos desmentindo a tese de Malthus (mas um economista que falou prováveis), que já no século XVIII dizia que, se os meios de subsistência crescem em progressão aritmética e a população em progressão geométrica, seria obrigatório ter uma política de limite para a procriação. Espera que outras ideias bem formuladas e faladas também acabem desmentidas pela realidade.

PCP O caso do seu novo secretário-geral por unanimidade, mas sem

profisões, de que não incluem os jornalistas — já tinham acesso às redes mediante norma de conduta apertada e severa. COSTA DISCORDIA Toda a gente sabe que António se sentiu ofendido com Carlos, vai processá-lo. O caso refere-se ao Euroclix e a Isabel dos Santos, mas Marcelo já o ombrou com o BPI e aumento aconfesso. No meio da palavra contra Portugal desapareceu das principais notícias a história de um arguido nomeado para o secretariado de Estado Adjunto do primeiro-ministro que há coincidência que vem muito a propósito.



APCALIPSE Esqueçamos — e não vem ao caso — os processos conjugais do autor e centenas-nos naquilo que ele sempre fez: filosofia e análise social. Manuel Maria Carrilho lançou um livro que fará pensar quem o ler. O seu título é assustador: 'A Democracia no Seu Momento Apocalíptico'. Gradualmente, percebemos como o cinismo social vai abrindo fendas. Veja-se como a tado o lado — da Grécia à Itália, da França a Espanha, e Portugal incluído — chegou uma época de 'geringonças' ou alianças espúrias. 'Na minha perspectiva, esta época trazido o apogeu do cinismo político contemporâneo', diz Carrilho. Tudo é possível para aceder ao poder. Temos visto por cá essa maleta.